

# ânfora

## > A peça

Fragmento mesial de asa de ânfora em cerâmica. Tem secção circular e alguma curvatura longitudinal. Na parte superior, conserva ainda parte da marca de oleiro dentro de uma cartela retangular onde se leem os caracteres *SPERA*, correspondentes ao nome *SPERATVS*.

Este tipo de ânfora foi fabricado entre os séculos I a III d.C. A julgar pela curvatura da asa, um dos critérios de datação destas formas, a peça enquadra-se nos conjuntos mais antigos, ainda no primeiro daqueles séculos.

## ✓ O grupo

O termo ânfora é utilizado arqueologicamente para definir um conjunto alargado de contentores cerâmicos de transporte alimentar cuja principal característica é a presença de duas asas opostas na parte superior das peças. Nelas, o bocal tende a ser estreito e o corpo, que na maior parte dos casos é alongado, também pode ser globular.

Na Antiguidade, as ânforas transportaram vinho, azeite e outros produtos alimentares como conservas de peixe, estando a sua forma geralmente associada a um determinado produto, daí o emprego de termos como ânforas vinícolas ou oleícolas. A sua utilização no comércio marítimo encontra-se plenamente comprovada, sendo recorrente o seu achado em naufrágios de época romana ou em contextos portuários como é o caso de Lisboa.

As formas das ânforas apresentam muitas variações dependentes da época e do local onde foram fabricados. A análise dos fragmentos que sobreviveram até ao presente e da sua distribuição, permite determinar os pontos de produção e circulação dos diversos produtos alimentares que continham, transformando-as em excelentes indicadores da Economia da Antiguidade.

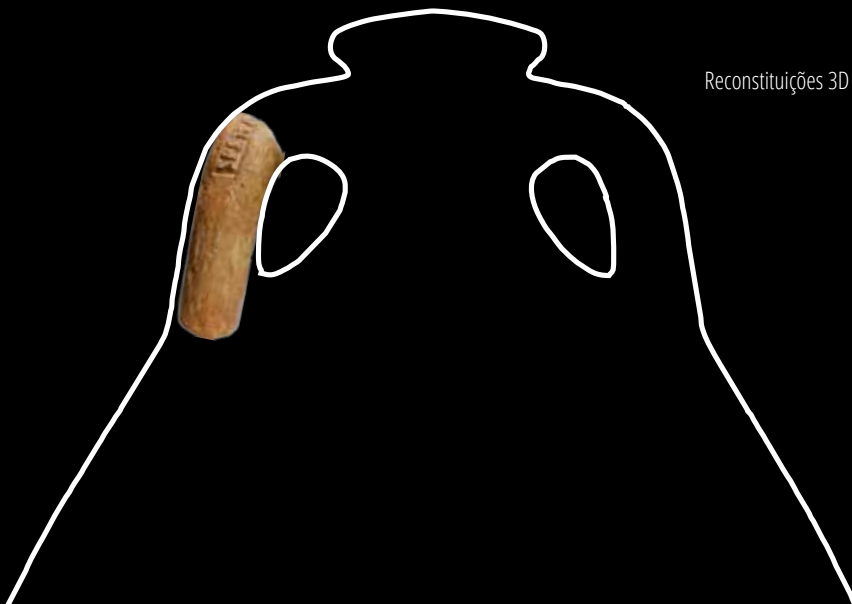
Esta asa pertence a um tipo específico, as Dressel 20, fabricada nas margens do rio Guadalquivir, na então província romana da Bética, actual Sul de Espanha, e foram utilizadas para transportar azeite. Com um aspeto globular muito característico, a capacidade das ânforas Dressel 20 aproximou-se dos 70 litros, embora com diversas variações devidas à evolução da forma.

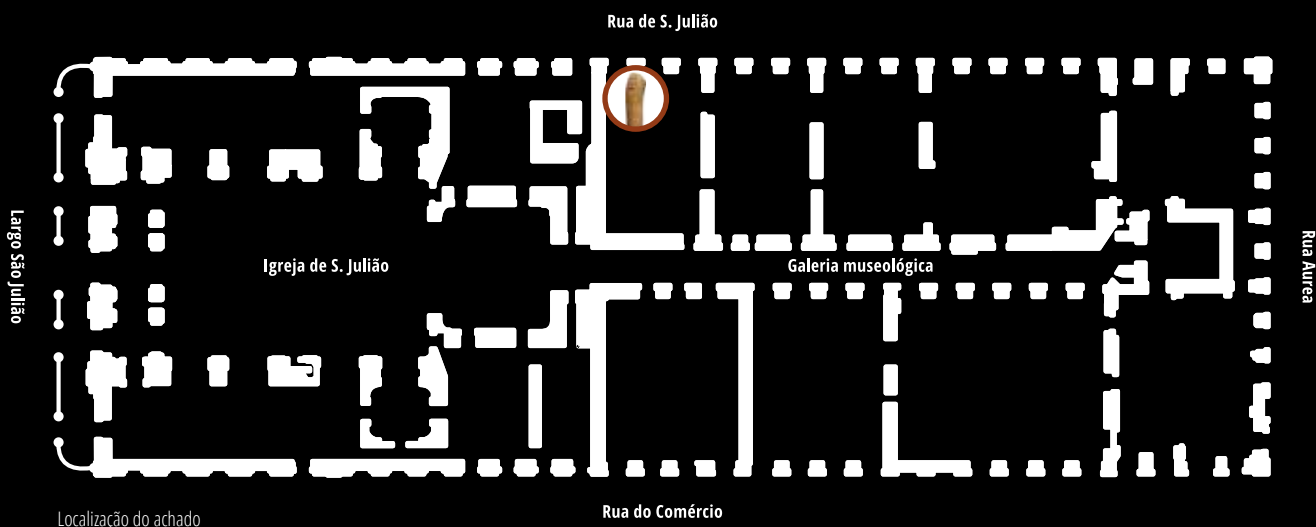
Embora mais habituais nas províncias ocidentais e em Roma, onde compõem a maior parte do famoso Monte Testaccio, estas ânforas béticas tiveram uma grande difusão no mundo romano, entre os séculos I e III d.C., comprovando o consumo de azeite hispânico nas várias regiões do Império.



Fragmento BPLX - ANF 4

Reconstituições 3D | © Illusive





## ^ O achado

Esta peça foi exumada nos níveis de aluvião do rio Tejo identificados na parte central do quarteirão do Edifício Sede do Banco de Portugal, junto ao limite com a Rua de São Julião, perto dos 5 metros de profundidade. As camadas depositaram-se maioritariamente entre os séculos I a IV d.C., durante a época romana imperial, contendo muitos materiais associados à atividade marítima, tais como esta ânfora.

## ✓ Outras informações

Embora das ânforas do tipo Dressel 20 se conheçam muitas marcas de oleiro, o nome *SPERATVS* é bastante invulgar. Até à data, para lá deste exemplar, apenas mais duas ocorrências foram identificadas: uma em Split-Spinut, na Croácia, outra num naufrágio em S. Romain-en-Gal, no Sudeste da França.

A dispersão deste tipo de ânforas pelo Mediterrâneo e Atlântico testemunham a escala da exportação do azeite hispânico e a sua importância económica nos três primeiros séculos da nossa Era, importância essa também comprovada pelo facto de, no espólio das escavações do Banco de Portugal, as ânforas Dressel 20 representarem cerca de 10 por cento do total. Dos mais de 200 fragmentos ali encontrados apenas dois tinham marca de oleiro, uma das quais inelegível.



Marca de oleiro | © Artur Rocha

Peça do mês | ânfora

Museu do Dinheiro Largo de S. Julião • Lisboa 2016 • Edição Arqueólogo Artur Rocha • Design, fotografia e impressão Banco de Portugal | Direção de Comunicação | Unidade de Imagem e Design Gráfico



MUSEU DO  
DINHEIRO  
BANCO DE PORTUGAL

**Muralha**  
D. DINIS WALL  
Núcleo de Interpretação  
Interpretation Centre